

10 PORANDUBAS

"Do tupi, porã'duba; pergunta, notícia, informação, relação" (Aurélio)

Boletim Interno

Órgão a serviço da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo - Ano II - N.º 10 - Abril, 1978 - Sala de Comunicação 28-A

EU NÃO NASCI PIVETE

Eu sou um pivete. Agora chamam a gente de trombadinha, dá na mesma.

Quando o medo não aperta, o frio não racha, os homi não acha, durmo no breu das tocas; de dia, me viro afanando por aí, limpando para-brisa, catando papel.

Já tô curtido de sol e chuva, a sede é que dói.

Quando a barra tá mais pesada, só aí, procuro uma velha fregueza que me dá as roupas velhas e os restos de comida.

Ela não tem cachorro.

Teve uns dias que a barra andou pesada, ouvi um zum-zum-zum e resolvi lê meu cobertô, vi que nós aparecia no jornal.

Era só trombadinha em letrão preto.

Teve uns que andaram pedindo passe pras moças da perua, disseram que os homi não queria ninguém na rua perto do dia 10, mas só os novatos, inocentes, recém-chegados se amedrontaram, a barra não estava pior do que quando dedaram aquela boca de fumo na praça, nem quando fizeram o serviço no filho do bicheiro.

Ruim mesmo foi aquela noite de terror com os homi; de manhãzinha eu e meus companheiro estrangulô com as mãos

mesmo o primeiro gato que cruzou nosso caminho. Agora com esse barulhão só pegam novato, bem que eu li depois,

Meu tempo de otário já vai longe, agora com 15 anos ninguém mais me assusta.

Só fico cabrero é com

quem trata bem da gente, vem batendo papo, oferecendo chá com sanduíche, falando manso, isso é que me deixa ago-

niado, sem entendê e sem sabê se vai volta.

Eu não nasci pivete.

Tive mãe sem pai, mas que trabalhava no emprego, de diarista.

Até que um dia eu descobri que aquela comida-toda que ela ganhava da patroa, ela tava era passando a mão, e por isso é que nós era gordinho perto dos vizinho os-sudinho que as mães trabalhava na fábrica.

Aí eu quis também ajuda a família, mas quando ela viu que eu tava roubando largô o serviço pre me indireitá.

Aí não deu, teve de cair na vida, eu pra não vê, sumi no mundo, mudei de bairro, nunca mais soube deles.

Teve uma vez que até quis mudá de vida, achá ela e os irmãozinho e botá numa casa de tijolo, arrumei documento, emprego com dormida e rancho.

No fim do mês, tudo descontado, até cobertô, sobrô menos do que eu faço nus diazinhos de rua, e sem bronca.

Olha, eu não nasci pivete, mas não sei se vou descobrir um jeito de não morrer bandido.

Não sei mesmo.

Ou será que eu já não nasci pivete?

(Zé Roberto, "capoeira") — "O São Paulo" — 12 a 18 de Novembro de 1977.



Editorial

TIRANDO DA SOMBRA

O GTM encarregou-se dos artigos que se seguem.

O que é GTM?

É uma equipe com gente que entende de vários assuntos, coordenada pelo INSTITUTO DE ESTUDOS ESPECIAIS (IEE). Pretende preparar o ano que vem. O que vai acontecer então? Será o "Ano Internacional da Criança".

A Reitoria criou o GTM em 30 de junho do ano passado, por solicitação da FIUC (Federação Internacional das Universidades Católicas).

Chega de siglas.

Reunindo-se semanalmente, a partir de setembro passado, a equipe procurou aprofundar conhecimentos e elaborar projetos de pesquisa e intervenção prática sobre o Menor. Foi chegando gente de Antropologia, Direito, Economia, Serviço Social e Ciências Sociais, Filosofia, Psicol-

gia e Teologia. Os trabalhos do grupo farão parte da contribuição das Universidades Católicas ao "Ano da Criança".

O grupo convida toda esta Universidade a um intercâmbio contínuo, alunos, professores e funcionários. Serão fornecidos subsídios teóricos para quem quiser "criar espaço" para o problema do menor nos currículos acadêmicos. O grupo oferece também os relatos de suas experiências concretas.

No intuito de intercâmbio de sugestões, de propostas, é que o grupo aparece aqui no PORANDUBAS. Os trabalhos publicados não pretendem esgotar assuntos, firmar posições definitivas. O que se quer é tirar o menor da sombra.

Ah! GTM quer dizer "GRUPO DE TRABALHO DO MENOR".

Quem é o trombadinha?

—"Trombada? Trombada é coisa velha, não dá mais. Os pivetinhos não fazem mais trombada, fazem cavalo-doido. É na valentona."

Esta é a fala de Calipso. Tinha então 17 anos.

"Saí de casa quando tinha 9 anos. Roubava na feira, mas minha mãe não sabia. Depois o DEIC me prendeu, eu vi que a pesada era muito perigosa e passei para a leve (furto sem violência). Olha a barra não tá leve prá trombada não. Acho que vou para o Rio ou pra Minas."

(Estado de S. Paulo-22/10/74)

CALÇA ROXA — 12 anos): Voltou de Cabanucaia, foi preso pela operação Zapata. A ordem desta era recolher todos os suspeitos que não apresentassem prova de trabalho.

"Fui detido várias vezes. Os caras do DEIC me levaram para Camanucaia. Trabalhei nas Casas Eduardo, estudei até o 4.º ano, larguei porque precisava trabalhar."

"Fui até a Praça João Mendes, comprar amendoim para vender no Brás; quando voltei uns homens do DEIC me pegaram, me levaram para carceragem, aí um cara disse: "você vai tomar banho de piscina". Na cela tinha 93 meninos presos. Aí subimos num ônibus e um cara de capuz, armado de metralhadora, disse prá nós: "corra".

CALÇA ROXA respondia as perguntas dentro de um carro de Polícia. Ia para o Juizado outra vez sem saber por quê.

(O Estado de São Paulo-22/10/74).

ASSUNTO DO DIA

Esta é a realidade de

milhões de menores que transitam pelas ruas de S. Paulo.

Os jornais trazem todos os dias, amplas reportagens, entrevistas com peritos no assunto sobre menores, ou com os próprios meninos, que exaustivamente contam suas histórias a quem esteja disposto a ouvi-los.

São crianças, têm uma ânsia incontrolável de falar sobre si mesmas e sobre seus amigos, quando alguém se dirige a eles.

A sociedade os ignora no dia-a-dia. Só quando se sente incomodada reage. E cria-se o antidoto, a reação.

As Ciências numa tentativa de explicar o fenômeno surgido, criam as mais diferentes teorias. Na prática das Instituições, onde se procura sanar o problema, a derrota é uma resposta quase que repetitiva.

O número de menores carentes circulantes pelos grandes centros urbanos, não é uma característica só do Brasil.

Em Paris o problema da delinquência, (essa é a terminologia adotada pelos estudiosos de lá), vem exigindo pesquisas e estudos mais acurados. (1)

Restringindo nosso campo de pesquisa à cidade de S. Paulo, perguntamos de onde vêm esses meninos. Por que este aumento crescente do número de infratores menores?

A CIDADE DOS MENORES

S. Paulo é o centro urbano que recebe maior número de imigrantes provenientes do êxodo rural.

As indústrias, encontram-se lotadas, na faixa de trabalho que emprega mão de obra desqualificada. Mesmo em outros

setores do mercado que poderiam absorver a maioria desses elementos, não há vagas.

Esta mão-de-obra adulta passa a viver de biscates, onde os salários variam como a própria natureza dos serviços.

Mas este trabalhador adulto trouxe consigo a família, na maioria das vezes numerosa que também tenta empregar-se de uma forma ou de outra. Os filhos menores que ainda não atingiram a idade legal para serem admitidos por um empregador, ficam soltos enquanto seus pais trabalham e começam a andar e pedir aos transeuntes. No começo pedem, no final exigem.

FOME, FURTOS

Há fome. Vê muitas maçãs, apropria-se de uma. Mas as carências vão aumentando. Não há só o que não comer; não se tem o que vestir e a mãe e os irmãos menores estão como ele. Apropria-se de mais alguns objetos e assim numa sequência até que se junte a grupos que o impulsionem para o delito já com outros fins.

A infração entra numa primeira fase como processo de sobrevivência. Nas próprias estatísticas oficiais (C.P.I. de menores 55) 88,89% dos delitos cometidos são furtos.

Numa outra fase a infração pode ser vista também como ato de protesto social — como forma de se obter aquilo que não lhe quiseram dar. E a violência entra como forma de posse.

Esse mecanismo todo de menores pedintes, menores infratores, está entremeadado de apreensões policiais indiscriminadas que agravam a situação tornando-se cada vez

mais difícil separar infratores dos não infratores.

O círculo vicioso seria com a própria punição. A criança volta à sociedade, reincide é punido novamente, e a seguir recupera a liberdade. A cada volta suas chances de sobrevivência legal diminuem. Isto sem entrarmos no caso daqueles que estão com 17 anos, em fase de alistamento militar e que as empresas não aceitam para trabalhar.

O que sobra a esses menores para sobreviver? A SOCIEDADE REAGE

A sociedade rejeita o fruto que criou. Como no conto infantil, quer transformar o patinho feio num lindo cisne...

Recolhe, repreende, agride. E o patinho, ao contrário da estória sai cada vez mais feio.

As pessoas mais extrovertidas enviam suas opiniões aos jornais: "Constatados serem trombadinhas, seriam raspados os cabelos e pintado o rosto com tinta que permanecesse uns 30 dias fixada na pele. Mas dirão, a lei proíbe. Entretanto com o AI-5, poderia a polícia ficar credenciada para proibir e atenuar a vergonha que vemos diariamente." (Carta de um cidadão que havia sido vítima 7 vezes dos chamados trombadinhas. *Journal Opinião*- 4/6/76).

Outras sugestões foram dadas: que se cortasse um pedaço da orelha direita dos meninos, para que logo fossem identificados.

"Estava declarada "guerra aos trombadinhas".

Estas opiniões, com certeza provêm de pessoas que não conseguiram ver nesses menores senão causas aparentes. São sintomas de uma causa maior, mais profunda

com raízes econômica, política, social, estes reflexos só agora estão se manifestando.

Quando a sociedade avidamente reclama por seus direitos de propriedade, esquece de perguntar o que entende por propriedade. Quem nunca possuiu sequer calças para vestir, quem não possui casa, nem comida, não conhece este tipo de direito.

CÓDIGO DE PROPRIEDADE

O "Código de Propriedade" desses menores é outro. Seus valores são diferentes de tantos de nós que já nascemos com propriedade.

Talvez, num Código de Valores que pode pesar muito para nós, pode não valer nada para ele e vice-versa.

A sua "consciência de crime" é muito relativa. Ela só vem se tornar nítida à medida que se aproxima da maioridade. A esta altura ele se vê em condições de competir num mercado de trabalho, mesmo na faixa semi-qualificada, onde o salário possibilitaria sobrevivência modesta.

Mas ele não atinge essa faixa e vê-se obrigado a competir na camada mais desprivilegiada. Nesta acha-se aglutinado a maior parte da população: a mão-de-obra não-qualificada, com salários baixíssimos que não satisfaz as necessidades básicas.

Aqui acha-se o limite entre a legalidade e do crime. Os dois caminhos estão diante do menor. As opções serão feitas no dia a dia, de acordo com o momento.

(1) HANNA MOLENSKA, VINCENT PEYRE: "Délinquente juvénile, école, et société" Vaucresson, 1973.

(Por Sônia Paz)

O assalto. O medo. A droga para se barafinar, para enganar a fome. A mentira do homem honesto. O diálogo. Cada um conta sua vida, sua velhice precoce. Local: Núcleo do Menor Trabalhador, Rua da Consolação.

Dia 6 de dezembro de 1974. Cinco garotos entram pelo Núcleo correndo e ficam a um canto do salão de jogos. A eles se juntou Paulo Tito — auto-intitulado "ex-trombadinha" — e continuaram conversando. Pouco depois vem alguém gritando e se instaura uma confusão total. Chega agitado, um homem de seus 50 anos que ameaça os recém-chegados com duas tranças que tem nas mãos. Surpresa geral diante deste fato inédito no Núcleo.

Paulo Tito toma as dores do Núcleo e gritando uma série de palavras "esclarece" ao homem que ali não tinha "essas coisas", o pessoal ali não é trombadinha coisa nenhuma. O homem saltou sobre Paulo Tito, ameaçando bater-lhe. O menor procura se defender com uma enxada que havia por ali.

A custo consegui apartar a briga e conduzir o homem até nossa sala, onde procurei ter alguma coerência no seu relato e o motivo de sua invasão do Núcleo.

"Eu estava no Largo do Arouche recebendo dinheiro de uma senhora muito boa, da alta sociedade por serviços que prestei a ela, disse o homem. De repente, um grupo de 6 trombadinhas — nem me lembro a cara deles — roubou Cr\$ 1.000,00 da mulher. Tentel agarrá-los mas não consegui. Comecei a gritar "Pega-ladrão" e um transeunte agarrou um dos meninos. Peguei um taxi e persegui os trombadinhas pela rua da Consolação. De repente eles sumiram. Alguém me indicou o Núcleo, aqui entrei, enquanto essa pessoa ia chamar a polícia.

Chega a polícia. Explico a eles a natureza do Núcleo, falo em Prefeitura, Juizado de Menores. Nesse momento, os guardas se dirigem ao homem que perseguiu os meninos:

— Está bem, vamos então à Delegacia, lá o senhor registra a queixa.

CHEGANDO NO PEDAÇO

Confesso que não sabia com clareza como proceder com os menores. Temia "dar furo" em alguma coisa e "gelar" nosso grupo. Lembrei de Paulo Tito. Ele chegou meio arisco. Embora pequeno, mostrava-se "maduro" na malandragem.

Faltava-lhe um olho, o que o tornava uma figura bizarra mas também intimidadora. Quando aqui chegou, suas primeiras reações foram de isolamento, resistência a tudo. Após uma semana de Núcleo, participou do último assalto que sofremos. Posteriormente conversamos com franqueza, falamos sobre o passado dele os motivos que tinha para ficar no Núcleo, por que praticou o assalto, por que manifestava desejo de consertar o erro. Pareceu-me que o papo surtiu efeito duradouro.

Posteriormente, Paulo Tito frequentou cursos de datilografia e empacotador. Percebo que se sente muito ligado a mim e, quando estou fora, ele procura me "substituir" no Núcleo. Chama atenção de todo mundo, reclama dos que não vão à aula, "cagueta" quem não cumpre as normas do Núcleo, faz ameaças em meu nome.

Certa vez perguntei a Paulo Tito se ele achava que era assim que eu deveria proceder. Ele disse que não: quem agia assim era ele. Não gostaria de me ver atuando da forma que ele fazia: "Quem faz isso é rato".

Antes de chamar os menores, busquei a ajuda de Paulo. Estava na cara que este conhecia os outros: tentou mesmo defendê-los. Pedi que me mostrasse os menores. Ele concordou sob condição de participar do "papo". Era isso que eu queria.

(Continua na pág. 4)

COMO É O SUBMUNDO

Salvador: Sai de casa porque apanhava muito. As vezes vou visitar minha mãe. Fico sempre no Arouche, na Princesa Isabel e na Rodoviária. Outro dia assaltei um "balão". A gente tem que se barafinar. A fome é fácil.

José Aparecido: Sempre acompanho o Salvador. Dez Artanis ou Optalidon com pinga é melhor que um prato cheio... quando não tem prato! (risada geral). A gente nem enxerga nada. Acorda abraçado no poste.

Ezequiel: Muito calado, quase não falou. Disseram que ele não estava a fim de falar porque havia tomado Abenil com Abolemin e pinga pela manhã.

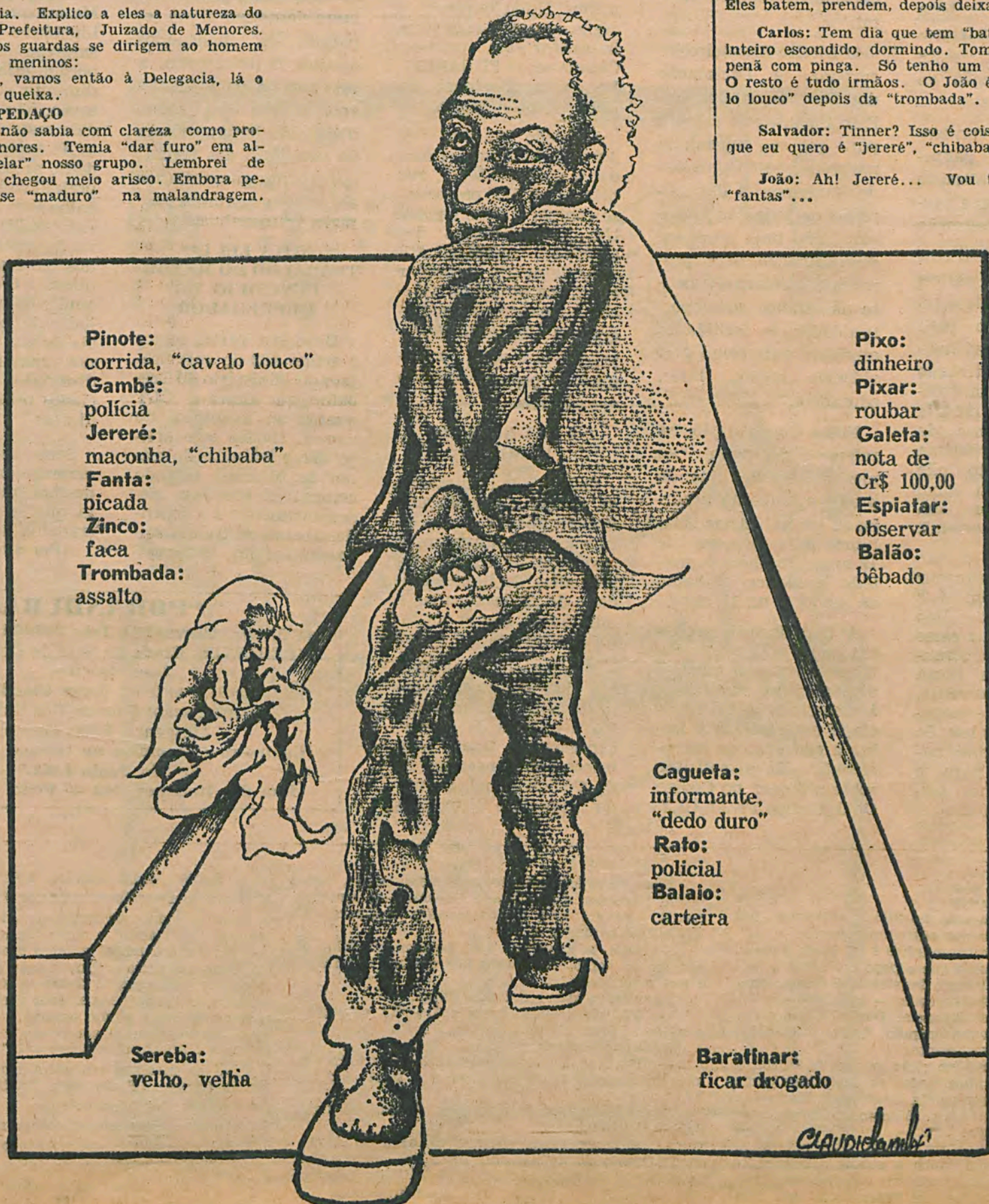
Dorival: Minha mão está enfaixada porque outro dia assaltei uma sereba rica e ela corotou minha mão com o canivete. Dei um chute na canela dela, botei a mulher no chão. Outro dia resolvi trabalhar: fiz Cr\$ 15,00. A mercadoria o rapa levou.

João Santos: (15 anos): Tem noite, acontece d'eu dormir com 2 minas depois preciso tomar muito leite. Gosto de assaltar "serebas" mas enfrento qualquer um. Tenho um "pinote" muito grande. Se a gente tem dinheiro, os "gambés" não leva. Se não tem, leva. Que adianta o Juizado? Eles batem, prendem, depois deixa fugir.

Carlos: Tem dia que tem "batida". Fico o dia inteiro escondido, dormindo. Tomo mais de 10 Litpenã com pinga. Só tenho um amigo, o "zinco". O resto é tudo irmãos. O João é o melhor "cavalinho louco" depois da "trombada".

Salvador: Tinner? Isso é coisa de criança. O que eu quero é "jereré", "chibaba".

João: Ah! Jereré... Vou te arranjar umas "fantas"...



Pinote:
corrida, "cavalinho louco"
Gambé:
polícia
Jereré:
maconha, "chibaba"
Fanta:
picada
Zinco:
faca
Trombada:
assalto

Pixo:
dinheiro
Pixar:
roubar
Galefa:
nota de
Cr\$ 100,00
Espiatar:
observar
Balão:
bêbado

Cagueta:
informante,
"dedo duro"
Rato:
policial
Balaio:
carteira

Sereba:
velho, velha

Barafinar:
ficar drogado

CLAUDIA LAMBA

O MENOR E A LEI

O problema do menor me sensibiliza faz tempo e nele me aprofundo há meses. Surpreende-me contudo a dificuldade em escrever um artigo a respeito.

Por que esta dificuldade?

Amontoam-se leis à minha frente, além de estudos e livros sobre a realidade do menor brasileiro. De onde vem tanta hesitação para escrever?

LEIS E MARGINALIDADE

Por um lado, muitas leis sobre o menor. Estas leis dispõem sobre igualdade de direitos, saúde, educação, profissionalização, amor, compreensão, segurança. Embora passíveis de aperfeiçoamentos e críticas, essas leis visam à proteção do menor.

De outro lado, verifica-se a realidade de pauperismo e marginalização do proletariado que provocam uma socialização divergente do menor.

E ainda, entre as leis e a realidade, existem colocações alertando para que o tema da marginalidade não seja tratado isoladamente. A marginalidade é fruto da própria lógica acumuladora do capitalismo. O problema do menor, portanto, não pode ser analisado como mero desajuste de um processo social "normal", "perfeito".

O problema do menor não se resolve com leis sobre os menores. Isto não quer dizer que estas normas sejam inoperantes, não mereçam nossa atenção. Simplesmente, é preciso que não exageremos o valor das leis. Se isto ocorre, o encaminhamento adequado para o problema do menor, torna-se uma ilusão.

Existe uma Declaração dos Direitos da Criança, elaborada pela ONU. Ne-la é reconhecida a necessidade de proteção especial, tutela legal apropriada para a criança, devido à sua insuficiente capacidade física e mental.

O Direito Brasileiro incorporou a Declaração dos Direitos da Criança. Esta Carta apela a todos para que se empenhem na promoção da igualdade fundamental dos direitos de todas as crianças. Não haja qualquer discriminação. Seja promovido o desenvolvimento da criança com oportunidades e facilidades especiais, tais como previdência social, lazer, educação.

Nossa Constituição se refere diretamente ao menor apenas quando proíbe o trabalho noturno ou em indústrias insalubres para menores de 18 anos. Também é proibido qualquer trabalho de menores de 12 anos.

A Constituição preceitua sobre educação. Estabelece que lei especial disporá sobre assistência à maternidade, à infância, à adolescência e sobre a educação de excepcionais. Há dispositivos sobre o menor no Código Civil, Código Penal, CLT,

NORMAS QUE

PROTEGEM O MENOR no Código de Menores (de 12/10/1927: o conhecido Código Melo Matos).

A lei n.º 4.513 de 1/1/64 definiu a política nacional do bem-estar do menor. Criou também o órgão central que deveria implantar esta política. Chama-se FUNABEM: Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.

Diz João Benedito de Azevedo Marques, Presidente da FEBEM-SP, que pela lei 4.513 procurou-se compor a ação legislativa com atividades das entidades administrativas que devem executar a política do menor. Assim o menor seria reintegrado à vida social útil e produtiva e seria prevenido o processo que o marginaliza.

A LEI SÓ, NÃO RESOLVE

Dentro dos limites desta rápida abordagem, aponto apenas duas situações que ilustram a ineficácia de certas normas além da impossibilidade de se desvincular a questão do menor de toda a problemática social.

Os menores de 18 anos são irresponsáveis perante a lei. Ficam sujeitos a normas de legislação especial. Quem estabelece isto é o artigo 23 do Código Penal. Contudo, segundo o Código dos

Menores, embora sendo incapaz de responder pelos delitos que pratica, o menor perigoso pode ser remetido a estabelecimentos para condenados de menor idade. Na falta destes, o menor infrator irá a uma prisão comum desde que fique separado de condenados adultos. O desrespeito a esta norma é evidente, comprovável com facilidade pelo leitor, através do noticiário dos jornais que aponta casos diários de prisões promíscuas, maus tratos, abusos.

NOVA LEI DO TRABALHO DO MENOR: BENEFICIO DO EMPREGADOR

De outra parte, temos o artigo 422 do anteprojeto do Ministério do Trabalho, que altera a CLT quanto ao trabalho do menor. Dispõe este artigo que o trabalho do menor de 16 anos, quando compatível com seu desenvolvimento e depender apenas de treinamento prático no emprego,

poderá ser fixado em 50% do salário mínimo regional. O mesmo se fixa para o menor trabalhador rural.

Estas disposições demonstram muito mais a preocupação de beneficiar o empregador do que o empregado menor. Mesmo que se alegue um hipotético incentivo ao emprego dos menores, porque cria condições de diminuir sua marginalização, não seria esta medida mais um instrumento de exploração? Na verdade, se passar, esta lei prejudicará tanto o trabalhador menor como sua família. Hoje, o salário do menor é pelo menos igual ao salário mínimo. O trabalhador adulto também será prejudicado pela concorrência de um trabalho menos remunerado. Tais distorções foram denunciadas pelos diversos sindicatos.

Será beneficiando os empregadores com mão-de-obra ainda mais barata que se protegerá o trabalho do menor?

(Por Sílvia Pimentel)

"PORANDUBAS"

Rua Monte Alegre, 984 Tel.: 263-0211 Ramal 343
EXPEDIENTE: Chefe da Sala de Comunicações:
 José Queiroz
 Redator-Responsável: Jorge Claudio Ribeiro
 Diagramação: Sala de Comunicação
 Tiragem 5.000 exemplares
 Composto e Impresso no "Grupo Imprensa
 de São Paulo Ltda."
 Rua dos Italianos, 463 — Fone: 221-6929

(Continuação da pág. 3)

OSSO DURO DE ROER

Os menores estavam no ateliê mexendo nos trabalhos produzidos por outros meninos.

Sentaram-se em banquinhos e eu, sobre a mesa. Paulo foi logo avisando que o papo era sobre o "sereba". Os outros ficaram inquietos. Salvador contorceia as mãos, José Aparecido — apático — se levanta e vai sentar-se à janela. Dorival atava e desatava a faixa em volta da mão. Carlos e João começaram a rir nervosamente.

Resolvi sentar-me no chão, o que modificou a situação: entre risinhos, todos se ajeitaram como antes. Disse-lhes que queria saber a verdade sobre o que eles eram acusados. Ai começou o processo de abertura do grupo.

A princípio houve resistência, eles mentiram muito. Atribuíram o roubo a outros 6 trombadeiras. Procuraram confundir-me, dizendo que não se conheciam mas como tal "veemência" que não solou.

Num segundo momento, com menos medo, tentaram fantasiar o acontecido, acusando-se mutuamente. Ai dei uma olhada significativa para o Paulo, que entendeu e disse:

— Bom, se aqui não tem homem pra falar o que fez ao velho, eu, que tô por dentro vou falar o que aconteceu.

Imediatamente, o Salvador disse:

— Vê, só. Se a gente vai pedir emprego, não tem. Pede algum, não tem...

Carlos arrematou:

— Pra que ela tinha que abrir a carteira e mostrar tanto dinheiro pra quem não tem? Sereba tem que se f...

Depois de muitas interrupções, risadas, caretas, Carlos continuou:

— A gente vinha subindo o Largo do Arouche. Dentro de um Galaxie tinha uma sereba rica com um "balaio", cheia de "pixo". Do lado de fora do carro estava um cara recebendo mais ou menos 3 "galetas" da mulher.

A mulher tinha mais de "três mi" no "balaio". (Pra que mostrar tanto dinheiro?). Dei a volta pelo carro enquanto os outros ficavam em dois grupos um "espiatando" e outro "dando guarda". Dei cheguei perto e tentei pegar o dinheiro da mulher, ela levou um susto e tirou a mão gritando. A gente correu, sem pegar o dinheiro. O homem, só pra aparecer e "pixar" mais, saiu correndo sem saber se a gente levou algum ou não. Estávamos em 6 mais um foi pego. A gente veio dar no Núcleo porque aqui é seguro e nem tem rato

Daí os menores entraram em pânico. Acusaram o Carlos. Paulo dava risada insistindo que era verdade: foi fulminado com o olhar dos outros. Os menores vendo minha calma, sossegaram. Paulo e Salvador confirmaram tudo o que Carlos contou e afinal, "batia" com as declarações do homem. Começaram a contar os detalhes, quem "bolou" quem "dicou".

MENOR TEM CULTURA?

O menor pensa com a própria cabeça? Suas idéias são as da cultura dominante? Ele tem seu próprio mundo? Como é o mundo desses garotos, ainda tão inexplorado, tão desconhecido? Ou será que as idéias do menor abandonado são uma mistura das coisas dele mesmo com valores culturais saídas de padrões oficiais?

SUBCULTURA DA POBREZA

Algumas análises sociológicas acreditam que o menor das camadas baixas da população estaria integrado na cultura global fazendo uso de seus valores, assim como as crianças das camadas médias e altas. Contudo, o menor carente permanece fechado nos limites da sua camada, impossibilitado de chegar a uma posição social mais alta. Por causa disto ele desenvolveria símbolos próprios e se comunicaria segundo fórmulas que gerariam uma subcultura que tem suas experiências de vida por base. Mas, apesar de tudo, esta subcultura é parte integrante da cultura da sociedade maior.

No entender de Oscar Lewis, (1) essa subcultura é uma adaptação mas é também uma reação do pobre frente à sua posição marginal a uma sociedade estratificada em classes e altamente individualista. A "subcultura da pobreza" representa um esforço de enfrentar a sensação de desespero e frustração que se desenvolve a partir da compreensão de que é impossível "alcançar sucesso" nesta sociedade com os valores e objetivos que se conhece.

E a delinquência do menor? A maior incidência de crimes não é contra a propriedade, tida como valor intocável da sociedade capitalista? Então como é que o menor se engloba na cultura dominante?

Os teóricos da subcultura explicam que essa delinquência ocorre como resultado de uma "disjunção entre metas culturalmente sancionadas e oportunidades delinquentes". Trocado em míldos, isto quer dizer que a conduta anti-social significaria um desencontro entre as aspirações e desejos que a nossa cultura geral incentiva e os caminhos que, dentro da estrutura social que existe, são utilizados para satisfazer esses desejos.

O mesmo sociólogo afirma que os grupos delinquentes possuem os mesmos fins culturais que a sociedade. Entretanto, eles discordam quanto aos meios que os não-delinquentes utilizam para atingir estes fins. Por isso passam a combater aqueles meios.

LIBERDADE X SEGURANÇA

Oposto a esta primeira hipótese, há quem sustente que o menor tem seu universo cultural próprio, o qual não pode ser explicado pelo simples mecanismo de imitação ou de introjeção ou reprodução dos valores culturais dominantes. Estas interpretações são de cunho filosófico e psicológico.

O universo do menor se constitui de valores que surgem em permanente oposição aos da sociedade estabelecida. São anseios de liberdade que a sociedade de consumo não pode compreender porque está encharcada de critérios de eficiência, tecnicismo, organização global e produtividade. O menor é um ser lúdico, receptivo e livre. A sociedade em que vivemos está sempre adiando a satisfação humana; troca-a pela labuta, pela descabida exigência de segurança.

No mundo do menor, a fantasia, o poder de criar e inventar possui veredas inexplicáveis, originais. Os valores morais próprios que ele desenvolve, nem sempre se enquadram nos códigos da moral estabelecida e muitas vezes ambos entram em conflito. Pierre Rivière, de 20 anos ficou famoso na história da criminologia pois degolou a mãe, a irmã e o irmão. Não era psicopata e explicou sua conduta através de padrões morais: ma-

tara a mãe porque ela pecara diante de Deus e os irmãos também pecaram porque ficaram em companhia da mãe. (2)

Será que os atentados contra a propriedade, que constituem a maioria dos atos anti-sociais dos menores, não seriam reveladores de que o menor ainda não está contagiado pelo ídolo da propriedade? Roubar, furtar, assaltar seriam o modo pelo qual o menor manifesta seu profundo anseio de comunhão. É característico o depoimento de um balconista da R. Barão de Itapetininga: "Certo dia, vi um deles agindo. Pensei comigo: nada de dar uma de herói. Vi e fingi não ver. Nem dei mais bola. Hora depois me aparece o trombadinha do assalto. Pensei comigo: o que será que ele quer, meu Deus? Sabe o que ele queria? Queriria me dar a minha parte do assalto, pois — dizia — eu fora gente fina com ele. É claro que eu não aceitei mas tive de usar de muita diplomacia para não ofendê-lo. Sabe como é essa gente..." (3).

CULTURA DE CONFLITO

Uma terceira explicação é dada para o mundo cultural do menor. Segundo ela, o menor não é apenas um subproduto da cultura dominante. Ele também não tem um universo cultural autônomo que se relacionaria com a cultura estabelecida através da oposição e da negação. Utilizando-se de critérios tirados da Sociologia e da Psicologia, se diz que os valores que o menor manifesta, são frutos de sua integração com seu ambiente. O menor se caracteriza por uma busca incessante de auto-realização, frustrada pela sociedade na maioria das vezes. Daí resulta uma cultura de conflito, repleta de retração e agressividade.

Essa cultura de conflito já nasce no seio da própria família, onde os pais são ausentes e não são capazes de satisfazer as exigências vitais mais elementares.

Quando não é a família, é a escola que frustra, impondo ao menor e ao jovem uma

educação alienada ao seu mundo. Além dessa, e a sociedade clássica, competitiva, imersa no produzir-consumir, que não dá conta dos anseios do menor, quando não os esvazia de dignidade ou procura reduzi-los ao seu esquema. Destas relações nasce o alto grau de agressividade e busca de compensações substitutivas que caracterizam a cultura do menor.

O jovem carente ainda está na fase de satisfação de necessidade de deficit (carença afetiva) ou mesmo as principais necessidades básicas como a alimentação. Daí nasce uma atuação social do jovem desajustada psicologicamente: critica os mais velhos, eles são ultrapassados, quadrados. Essa reação é símbolo inconsciente de uma infância miserável em todos os sentidos. Infância de privações e castigos físicos. Infância de imagem paterna — quando o pai é conhecido — autoritária, tirânica ou indiferente, omissa ou ausente. Contra tudo isto, o jovem procura lutar, vingarse, destruir para se realizar por via indireta. Tenta anular dentro de si o passado cruel, agredindo a todos ou procurando até o suicídio.

O BANDO

Isolado, com uma carga enorme de egocentrismo, procura fixar-se no bando. Lá todos têm os mesmos problemas, agem e pensam de maneira igual. O bando passa a ser o meio familiar que ele perdeu ou nunca teve. O pequeno mundo do menor passa então a girar em torno de um único pensamento e ação: destruir o outro lado, a sociedade e suas idéias, valores e preconceitos. O bando, numa visão psicanalítica, seria o "bom seio" que alimenta a todos, sem qualquer distinção. Simboliza a boa mãe que acolhe a todos e os protege contra as agressões, prisões e castigos. O adolescente busca no bando o calor humano que nunca teve.

"O amor do jovem pelo chefe do grupo, considerando-o maior, assemelha-se ao amor do filho pelo pai. Assim desenvolve uma admiração que quase chega à idolatria. O adolescente vive na gang a experiência dos seus primeiros anos de vida em sentido contrário: enquanto menino era objeto passivo de brutalidade, agora, como adulto prematuro, é o agente decisivo desta mesma brutalidade. O ladrão de carro, só pelo fato de serlo, sente-se forte, onipotente. Assim, aplacam-se sentimentos de inferioridade, compensam-se carências afetivas. O carro roubado, facilita a companhia da mulher, não para amá-la mas para subjugá-la" (4).

São estas as três principais correntes que procuram interpretar a cultura do menor. Este tema apaixonante e ainda totalmente aberto merece estudos e pesquisas aprofundadas.

José J. Queiroz

Vera Giffoni

(1) CEBRAP: "A Ciência, o adolescente, a cidade" SP, 1972, pg. 40.

(2) Michel Foucault: "Eu Pierre Rivière" Ed. Graal, 1977, pg. 13.

(3) Folha de São Paulo, 21-10-1974, pg. 6.

(4) O Estado de São Paulo, 30-05-1974.



MÁ EDUCAÇÃO OU EDUCAÇÃO MÁ?

“Que aprendeu hoje na escola,
Querido filhinho meu?
Que aprendeu hoje na escola,
Querido filhinho meu?
Aprendi que Washington nunca mentiu
Aprendi que um soldado quase nunca morre
Aprendi que todo mundo é livre
Foi isso o que o mestre me ensinou,
E foi o que aprendi hoje na escola
Foi o que na escola eu aprendi”

ESCOLAS E PRISÕES

É atribuída a Rui Barbosa a eloquente colocação: a cada escola que se abre, uma prisão se fecha. Contudo a história mostra que a cada sala escolar que se abriu, mais uma prisão se fez necessária!

Isto é mal intrínseco da escola? Ou ela está mal colocada, mal entendida, mal administrada?

Comecemos pelo aspecto financeiro: o que o sistema oferece para o desenvolvimento escolar? Uma insignificante verba de 4% do seu enorme orçamento, verba para manter apenas um crescimento vegetativo e manter a escola numa situação de sub-nutrição, bem parecida ao do povo brasileiro.

Onde são formados os nossos professores? Dentro do própria sub-sistema escolar, o que vale a dizer já vacinados contra toda e qualquer tentativa de modificação e alguns poucos que conseguem imunizar-se. Perdem aos poucos o vigor do combate frente a barreiras que o sistema escolar ainda cria para que possa permanecer tal como ele é: formar para o nada, que é a melhor maneira de se formar para o Todo!

BURROS OU FAMINTOS?

Ainda que a Universidade prepare bem os nossos futuros professores, é de se perguntar: para que tipo de aluno a universidade os prepara? Na universidade, ele adquire as mais modernas (?) técnicas de ensino, lá ele aprende a ler nas mais recentes biblias educacionais, lá ele aprende todo o mundo platonico do processo educacional... e quando ele entra pela primeira vez na sua classe de aula: que decepção! Além do quadro negro, que nem sempre pode ser usado por falta de giz, o resto depende unicamente da

sua garganta. Na sua frente não estão os 20 alunos que ele aprendeu ser o ideal para a formação de um bom grupo de trabalho escolar, mas 40, 50 alunos! Na sua maioria crianças sem o menor interesse pelas suas lindas palavras, porque o interesse da fome fala mais alto que todos os outros! As explicações mais simples não entram nas suas cabeças... mas isto não traz muito problema ao professor, pois, trata-se de alunos “burros”, destinados a repetir uma ou duas vezes e logo depois abandonar a vida escolar e se envolver no sub-mundo!

Claro, amigo, não estou falando nem da minha, nem da sua, nem da experiência de todos os privilegiados que têm um lar “bem formado”, com todos os demais privilégios que o dinheiro comporta. Falo da experiência trágica de mais de 95% da nossa população escolar, espalhada por Mato Grosso, Piauí, Amazonas... São Paulo, Rio... e outros tantos locais por esse Brasil 1979 será o ano consagrado ao menor! Talvez o menor não precise apenas de um ano consagrado a ele... precisa, sim, de mais ação em prol dele.

Temos, aqui na PUC, um grupo de trabalho, formado desde 1977, atendendo a um apelo internacional da Federação das Universidades Católicas, encarregado de fazer alguma coisa. A nossa sensação um pouco é a do garoto que recebeu como incumbência desentortiar bananas... o que fazer... o barco vaza por milhares de buracos... qual deles é mais importante tampar no momento?

“Que aprendeu hoje na escola,
Querido filhinho meu?
Que aprendeu hoje na escola,
Querido filhinho meu?
Aprendi que o nosso governo deve ser forte
Que está sempre certo e nunca erra,
Que os nossos chefes são os melhores do mundo
E que os elegemos uma e outra vez,
E foi o que aprendi hoje na escola
Foi o que escola eu aprendi”

(“Contestação-nova forma de ensino”, Neil Postman e Charles Weingartner, Expressão e Cultura, 1972).

(por WALMIR DA SILVA GOMES)

MISÉRIA EM DADOS

A CFI do menor realizada pelo Congresso Nacional em 1975 apresenta dados e informações alarmantes sobre a situação do menor no País apesar do “modo” com que foi conduzida a CPI.

Os dados informativos apresentados possuem “validade relativa” pois a Comissão não teve orientação definida quanto ao Estudo assim como em relação às autoridades convidadas a prestar depoimentos que deveriam ser mais ligadas ao problema.

Os dados apresentados possuem deformações tanto do ponto de vista qualitativo como quantitativo. Não obedecem um critério sistematizado do ponto de vista estatístico.

As informações foram obtidas de consultas formuladas pela CPI a todos os Governos Estaduais e estes às Administrações Municipais. Não queremos aqui comentar sobre o interesse dessas Administrações em informar a situação do Município: questionamos a maneira com que foram realizadas as consultas. Não foram explicitadas suas condições na pesquisa cuja eficiência se desconhece além do número de municípios consultados e o número de respostas enviadas.

Por facilidade de exposição apresentaremos em primeiro plano alguns dados gerais da situação. Há também depoimentos considerados significativos de autoridades convidadas em nível nacional e ao nível municipal.

DADOS GERAIS DA SITUAÇÃO (ESTIMATIVAS)

- 1) — População na faixa de 0 a 18 anos
(em 1975): 48.226.718 menores sendo que no Sudeste se encontra 42,91% desta população.
- 2) — Menores abandonados
(em 1975): 1.909.570 sendo que na região Sudeste se encontram 44,77% desta população.
- 3) — Menores carentes
(em 1975): 13.542.508
Sudeste: 37,31%
- 4) — Ocorrências de atos anti-sociais praticados por menores
(em 1974): 111.812 ocorrências registradas
Sudeste: 44,17%
- 5) — Natureza de ocorrências anti-sociais praticadas por menores
Sudeste: 88,89% por furto restante — homicídios ou tentativa
- 6) — Número de órgãos cuidando do problema do menor abandonado
(1975) chega a 2430 sendo que 61,97% se encontram no Sudeste do país.

DADOS DE ENTREVISTAS

1 — Presidente do INPS — R. Stephanes

Saúde: situação do menor integrante da população residente na periferia das cidades abrangendo todo o Brasil.

- 80% apresentam processos parasitários
- 50% apresentam anemia
- 50% apresentam desnutrição

- 2 — Ministro da Agricultura — Alysson Paulinelli:
Na zona rural em 1972 44% do total da população trabalhadora na faixa de 10 a 24 anos se encontram em atividades agrícolas
Assistência à juventude camponesa se dá através de entidades: os clubes Agrícolas e os clubes 4-S (Clubes Motivacionais)
Existem 3.457 clubes que atendem a 137.000 menores na faixa de 0 a 14 anos
Existem 1941 clubes que atendem 51.000 menores na faixa de 14 a 20 anos.

Nível Municipal

SÃO PAULO

- Dra. LEOPOLDINA SARAIVA — Secretária do Bem-Estar De acordo com pesquisa do IPE em 1971
- 8% das famílias pesquisadas possuem renda familiar inferior a 2 salários mínimos.
 - 112.969 famílias em estado de pobreza absoluta.
 - 2.200.000 pessoas em estado habitacional precário.
 - Do total da população favelada 60% se encontra na faixa de 0 a 19 anos.
 - 30% da população é de baixa renda.

SECRETÁRIO DE SERVIÇOS SOCIAIS DO DF (BRASÍLIA)

MAJOR MARIVAL PEREIRA TAPIOCA.

- Em relação a população total de 735.000 habitantes das cidades satélites:
- 80% é produto do fluxo migratório.
 - 64% das famílias possuem renda familiar inferior a dois salários mínimos.
 - 52% desta população se encontra na faixa de 0 a 19 anos.
- O importante neste depoimento é que o Major Pereira de posse destes dados concluiu que:

Só restam 3 alternativas ao menor pertencente a família mi-grante

- 1a. — Atividades de sub-emprego
- 2a. — Atividades anti-sociais
- 3a. — Recolhidos em entidades assistenciais

(por Antonio Cyro Azevedo)

LIMITES DA POLÍTICA OFICIAL

(por Edson Passetti e Rinaldo Sérgio Arruda)

No Brasil há 25 milhões de menores marginalizados. Como a política oficial analisa esta situação. A decadência da família, a perda de autoridade dos adultos frente à permissividade atual, o êxodo rural e a industrialização. A falta de uma visão mais global de sociedade gera uma política paliativa para o menor.

A FUNABEM

Mais da metade da população brasileira é menor de 18 anos. Dentre estes, cerca de 25 milhões de menores são marginalizados. Estas são as condições de um problema de gravidade sem precedentes. O problema do menor é enfrentado oficialmente pela FUNABEM, desde 1964. Cabe à FUNABEM promover o estudo do problema e planejamento das soluções, além da orientação, coordenação e fiscalização das entidades que executam esta política. A ação executiva cabe às FEBEMs (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) e as entidades privadas.

O problema do menor é tipicamente contemporâneo, embora apresente características específicas no Brasil, agravado pelo subdesenvolvimento. A FUNABEM, entende o problema como um fenômeno mais geral. Ela pretende reformular a política "tradicional" de atendimento, que consiste na distribuição dos casos de marginalidade numa rede de internatos. A FUNABEM propõe-se a uma ação preventiva: "é preciso atacar as causas da marginalidade e não o marginal".

OS DOGMAS OFICIAIS

Segundo a FUNABEM, quais as causas da marginalidade? A primeira causa é que a instituição familiar é o alicerce da sociedade. Cabe-lhe a reprodução, proteção e socialização dos indivíduos até a idade adulta. Nessa época de acentuadas transformações, ataca a estabilidade de modos de vida regionais e de valores estabelecidos. Assim, a família se vê desprovida de condições materiais e/ou morais para exercer suas funções: ela mesma se desintegra.

Neste contexto, surge o menor carente, abandonado, infrator. Enfim, o menor sujeito a um processo de marginalização. Estes condicionamentos negativos são explicados por algumas variáveis.

ÊXODO, INDÚSTRIAS, DEGRADAÇÃO

A primeira variável é o êxodo do campo para a cidade. Produziu-o a liberação da mão-de-obra rural e o desequilíbrio da produção.

Outra variável, a urbanização e a industrialização. São tão aceleradas que não permitem condições de bem-estar à população. A inexistência de condições mínimas para os migrantes provoca a marginalização do menor: há deficiência no sistema de saúde, educação, recreação e segurança social.

A desqualificação profissional, as deficiências culturais não permitem que o

migrante participe do "processo de desenvolvimento que o país atravessa". O chefe da família não consegue integrar-se no mercado de trabalho: mulher e filhos precisam trabalhar para garantir a sobrevivência. Daí vem o descuido com a educação, evasão escolar e trabalho precoce das crianças. Estas se engajam em atividades que prejudicam seu desenvolvimento físico e mental.

As crianças se expõem aos perigos do vício, da exploração e da delinquência.

Uma terceira variável que contribui para a desestruturação familiar e a marginalização do menor, ainda segundo a FUNABEM, é a desagregação moral da sociedade moderna.

As novas formas de comunicação, de trabalho, de costumes e educação colocam mais cedo o jovem em atividades sociais. Os adultos são levados a imitar modas e estilos de vida criados pelos jovens, estes super-valorizados pela sociedade. Os adultos esquecem seu papel de orientação, aderindo à permissividade. Esta irresponsabilidade de pais e professores, contribui para a deseducação dos jovens. Os órgãos de comunicação de massa contribuem para esta degradação através das mensagens violentas e licenciosas disfarçadas sob o mito da modernidade. Dr. Mário Altenfelder diz que "é necessário banir a pregação do ódio e da anormalidade pois são as maneiras mais eficazes de ajudar o processo de subversão". Nessa era de modernidade, as uniões conjugais efêmeras, a procriação irresponsável e a instabilidade familiar quadro conforme levariam os jovens a desajustamentos sociais falta de afeto na família.

Assim, as pessoas vão se afastando do processo "normal" de formação de valores, hábitos e atitudes, desejáveis dentro de nosso padrão cultural.

PREVENÇÃO DE SINTOMAS

A implantação da política do Bem-Estar do Menor depende de 3 aspectos relevantes.

Segundo o Presidente da FUNABEM, Fawler de Melo, em palestra na E.S.G., estes aspectos seriam:

— um planejamento integrado aos programas nacionais de desenvolvimento econômico e social

— necessidades do menor (afetivas, nutrição, higiene e educação)

— racionalidade dos métodos a serem empregados.

Enquadrada no planejamento da economia nacional, a qual reduz as possibilidades dos programas com tóni-

cas sociais diretas, a FUNABEM propõe uma mudança de mentalidade pela educação da família e da ação comunitária. O programa a ser intensificado se ancora na idéia assistencialista do atendimento familiar e internações. A prevenção que se aplica "por aí" só vale a partir do modo de ver da classe dominante. Estes procedimentos não fazem apelo a uma visão sociológica e não impedem que o menor passe de carente a infrator.

Este artigo pretende discutir o ponto de vista oficial sobre o menor. Procuramos mostrar que se quer apenas atenuar sintomas. Não há uma visão lúcida, mais global sobre a problemática do menor.

COMUNIDADES OU SOCIEDADE?

A política oficial dá maior ênfase sobre o conceito de comunidade do que sobre o de sociedade, como uma forma de diminuir sintomas de uma doença mais geral e assim disfarçá-la. Deste modo se legitima a doença social. Segundo a concepção da

corroer os valores mais sólidos da sociedade: família e religião.

Contudo, o problema não está em que a população total não é absorvida pela produção capitalista. O problema é que esta dispensa necessariamente parte da população já engajada nela. Não são os valores que estão sendo corroídos: é sua eficiência.

Julgar a sociedade a partir de valores é um falso problema. As instituições oficiais pretendem enfatizar a noção de comunidade como se ela guardasse a pureza dos valores. As instituições se esquecem que os valores da comunidade são produzidos pela sociedade. O conservadorismo dos valores da comunidade terá amparo na lei. Deste modo as várias comunidades possuirão um caráter totalitário, pois estão purificando o que estava corrompido.

TÉCNICAS POLIVALENTES EM GRAMADO OFICIAL

O Estado atua na prevenção do menor através do "Plano de Prevenção". Atra-

vocados pelo meio urbano. A idéia básica é de que os homens em sociedade são iguais e também diferentes entre si: indivíduo e sociedade são objetos de educação.

SOLUÇÃO: FAMÍLIA E EDUCAÇÃO

Qual a solução? Através das condições básicas de vida, satisfazendo-se as necessidades de toda a população. A política oficial acredita que as diferenças entre os menores são de comportamento: portanto deve-se elevar o nível de aspirações (econômicas e valores) destas parcelas menos favorecidas. Com isso pretende-se superar o ciclo da marginalização: migração rural para a cidade, sub-emprego, desemprego ou mendicância e afinal a internação dos menores. A missão oficial para a família seria o assistencialismo e menor passaria pela educação oficial. Desta forma o Plano do Bem-Estar do Menor assume aparências de eficiência.

Na realidade vivida, a sociedade não é estática: as melhorias urbanas não podem vir "de fora" da dinâmica social. Se considerarmos o meio urbano como uma "comunidade superior" aos grupos que o formam, não haverá qualquer melhoria pois, a população cresce mais que os melhoramentos sociais.

A política do Bem-Estar do Menor quer dar sentido à comunidade usando o problema do menor como instrumento. A comunidade seria o elemento minimizador das contradições de classes. Nem desta forma, a política oficial consegue atingir os limites de ação possível no capitalismo.

MARGINALIZAÇÃO:

VALOR OU ESTRUTURA?

Como se processa a educação do menor? Em geral, restará a este uma instituição de recuperação ou uma família substituta. Na instituição resta ao menor engajar-se no aparelho repressivo, ou ser absorvido pelo mercado de acordo com suas "aptidões" tendo passado pelos cursos das Fundações e sendo absorvidos por "benevolência" dos empresários. Assim, caberão à comunidade os louros da vitória! Na família substituta, a relação de autoridade se descentraliza, aumentando conflitos de valores que levarão o menor a se opor à organização familiar artificial. Daí para a rua é um passo. A família substituta pode vir a funcionar de zero a cinco anos.

Assim, a Política do Bem-Estar do Menor, considerando intocáveis as causas estruturais do problema, ataca somente seus efeitos mais visíveis. Colocando "marginalização" ou "desmarginalização" a nível de formação de valores, a política oficial acaba reafirmando a ordem vigente e disseminando os valores característicos de "nosso padrão cultural". Este padrão corresponde à ideologia do sistema, contribui para reprodução do "status quo" e para ampliação das desigualdades sociais.

MANDAMENTOS DO PAI

"Tenha a família como a base da sociedade; reúna sua família numa das refeições ao dia, sem televisor ou outro meio que prejudique o convívio; proporcione à sua família morada salubre, tranquila, sem promiscuidade, com ordem e higiene; vista-se com austeridade (mamãe: vista-se com decoro); propicie à sua família alimentação bem cuidada e modesta; mantenha-se dentro do seu orçamento econômico financeiro; pratique integralmente uma religião; viva a vida de sua comunidade; participe da vida escolar de seu filho; seja um democrata: dedique-se à política, respeite as minorias, queira a liberdade com voto e o voto com liberdade, exigindo o veto aos anti-democratas; mantenha-se informado, leia diariamente um jornal; impeça que os meios de comunicação sejam veículos de má informação, de má formação, de pornografia, de violência e do sexo; siga as regras do trânsito e obedeça os limites de velocidade; trabalhe com dedicação e entusiasmo mas trabalhe para viver e não viva para trabalhar; e seu filho terá paz e será feliz!" (in: Rev. Brasil Jovem, 3.º Quad. 1974, n.º 30, ano VII).

FUNABEM, a sociedade é degenerada e, por isso, responsável pelo aumento do número de menores carentes e infratores.

Caberia, segundo a instituição governamental, à comunidade recuperar o menor. Tal tarefa se faria através de organismos oficiais, religiosos e das "classes mais favoráveis". O que a FUNABEM entende por comunidade? Comunidade pode ter um sentido amplo quando se considera o fator urbano como principal na prevenção ao problema do menor. Comunidade pode ter sentido estrito, significando Igreja, Família ou Clubes de Bairro, além de identificar-se com áreas dentro do meio urbano que congregam este tipo de organizações. Por aí se vê que comunidade é considerado algo isolado cujos elementos devem ser preservados da corrupção da sociedade, da modernidade.

Que modernidade é esta? Ela atua em todos os sentidos da vida social sem contudo absorver toda a população no processo produtivo. Ao mesmo tempo, ele passa a

vés de um conjunto de técnicos e programas, o Estado prepara a comunidade para entender a natureza do problema do menor e contribuir ativamente para a solução. Em colaboração com a UNICEF (Organismo da ONU), são acionados 60 núcleos. Estes vão irradiar, difundir e aplicar estes programas oficiais pelas áreas circunvizinhas. Serão usadas técnicas bio-psico-pedagógicas -sociais para reintegrar o marginalizado (menor e adulto) à sociedade. Pressupõe-se que o menor de comuta anti-social é antes de tudo um menor carente. Este "tratamento" terá como base a inter-relação entre família e meio. Procura fazer com que o indivíduo de conduta desviante assuma os valores oficiais. Quanto aos grupos procura-se orientar e transmitir estes valores.

O trabalho preventivo da FUNABEM se desenvolve em 2 níveis: assistencial e educativo. O que está por trás desse procedimento? É que o problema do menor é encaminhado como forma de diminuir os entrecosques pro-

